



# Às margens do grande rio: notas em Daniel 10

At the shore of the great river: sketches in Daniel 10

Jônatas Leal<sup>1</sup>

## Resumo / Abstract

**L**embora o livro de Daniel seja objeto de estudo desde os primórdios do movimento adventista, ele ainda não foi explorado como deveria. O estudo do capítulo 10 do livro pode prover uma chave hermenêutica adequada para a interpretação dos capítulos 11-12 e esclarecer um importante ambiente e circunstância em que o profeta recebe suas revelações. Dentro do campo de estudo escatológico contemporâneo, a teologia adventista está melhor preparada para abordar o capítulo 11, não apenas pelo seu interesse histórico, mas principalmente por sua compreensão singular da “grande guerra”, a saber, o grande conflito.

**Palavras-chave:** Daniel 10; Hermenêutica

**A**lthough the book of Daniel is the study object of the adventism since its beginning, this book hasn't been explored yet as it should be, which results in multiple positions about its truths. The study of chapter 10 of the book of Daniel can bring an appropriate hermeneutical key for the interpretation of chapters 11 and 12, besides clarifying important circumstances in which the prophet had his visions. Considering the contemporary eschatology study, the adventist theology is more prepared to explain chapter 11, not only because of

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Unicap (Universidade Católica do Pernambuco). Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE. Professor no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional Iaene (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). E-mail: leal.jonatas@gmail.com

its historical interest, but specially because of its singular comprehension of the great war we call “the great controversy”.

**Keywords:** Daniel 10; Hermeneutics



É verdade que o livro de Daniel é de especial interesse para a teologia adventista. Não é por acaso que tem sido estudado exaustivamente desde os primórdios do movimento. Não somente está ligado à teologia, mas à própria história da Igreja Adventista. Porém, uma parte desse livro tem sido quase sistematicamente ignorada pelo estudo escatológico contemporâneo, mesmo na teologia adventista.

Pouca atenção tem sido dada à última profecia do livro (capítulos 10 a 12). Historicamente, há razões para essa situação. Donn Leatherman (1996, p. 126-129), com elevada sensibilidade, aponta algumas delas: o foco millerita estava sobre capítulos 7 a 9; a utilidade evangelística do ponto de vista profético (de 7 a 9) e homilético (1, 3 e 6); a necessidade apologética, já que os capítulos 8 e 9 são distintivos, e por isso, a posição da igreja quanto os mesmos estão sob constante investidas; o fato de Ellen G. White não ter escrito sobre as especificidades desse capítulo; e a opacidade da profecia não cumprida. Porém, sem dúvida, a principal razão está nos desafios interpretativos impostos pelos capítulos de 10 a 12. Uma das evidências das dificuldades envolvidas nessa profecia é a multiplicidade de posições sobre esse trecho, mesmo entre os teólogos adventistas.<sup>2</sup>

Mas reconhecer tais dificuldades não significa abdicar do esforço de procurar resolvê-las. Por isso, apesar delas, a última profecia de Daniel precisa ser mais explorada. Algumas razões podem ser apontadas: 1) é a profecia mais longa e detalhada do livro; 2) paralelamente engloba todas as profecias anteriores; 3) historicamente, é a profecia de maior abrangência, chegando ao fim do tempo do fim; 4) pode ajudar a elucidar e confirmar as profecias dos capítulos 7 e 9; 5) segundo Ellen G. White, apenas uma pequena parte dela ainda não se cumpriu<sup>3</sup>; 6) e por fim, como será apontado, o fato de ser a única visão em que o sumo-sacerdote celestial pré-encarnado aparece pessoalmente

---

<sup>2</sup> Em seu artigo “Adventist Interpretations of Daniel 10-12”, Leatherman (1996, p. 120-140) expõe uma breve história da interpretação desta passagem.

<sup>3</sup> Ellen G. White (2006, p. 14) afirma: “A profecia do décimo primeiro capítulo de Daniel, tem quase alcançado seu pleno cumprimento.”

a Daniel deve conferir elevada importância ao seu conteúdo. Como se vê, o estudo dos capítulos de 10 a 12 pode se mostrar bem promissor.

Tendo em vista o quadro acima, a contribuição que este artigo visa a oferecer para o entendimento da última profecia de Daniel é examinar o ambiente e as circunstâncias em que ela ocorreu; e de que forma a compreensão do contexto da visão dos capítulos 11 e 12 pode afetar o entendimento desta profecia. Para tanto, se investigará os principais aspectos do capítulo 10 visando a reconstruir o *sitz im leben* desta profecia. As questões que orientarão a tarefa a seguir dizem respeito ao tempo (quando?) e conteúdo da profecia (o que Daniel ouviu?), as razões (por quê?) que impeliram os acontecimentos do capítulo 10 e a subsequente visão dos capítulos 11 e 12 e os personagens envolvidos (quem Daniel vê? com quem ele fala?).

## Visões e contextos

Não é necessário destacar a importância do contexto para o entendimento adequado de qualquer passagem bíblica. Isso também é verdade para as visões proféticas, inclusive aquelas outorgadas a Daniel. Tais visões não são transmitidas no vácuo histórico e geográfico. Nesse sentido, os capítulos 9 e 10 são particularmente importantes. Enquanto o contexto das visões dos capítulos 7 e 8 pode ser retirado apenas das informações do cabeçalho de cada um dos capítulos (7:1; 8:1), que não contém mais do que o ano e o governante do período, o contexto das visões dos capítulos 9 e 10 é muito mais detalhado. De fato, as duas visões (Dn 9 e 10) estão paralelamente relacionadas; como os links contextuais, linguísticos e literários podem indicar. O quadro abaixo pode elucidar esta proposição:

45

Daniel 9 (ARA)	Daniel 10 (ARA)
Menção de ano e governante (v.1)	Menção de ano e governante (v.1)
"[...] com jejum, pano de saco e cinza" (v.2)	"estive triste [...]" "[...] não comi [...]" (v.2,3)
"pecamos e cometemos iniquidade" (v.5)	"a humilhar-te" (v.12)
"o homem Gabriel" (v.21)	"um semelhante a um homem me tocou" (v.18)
"tocou-me" (v.21)	"certa mão me tocou" (v.10) "me tocou" (v.18)
"vim para fazer-te entender" (v.22)	"vim para fazer-te entender [...]" (v.14)
"no princípio das tuas súplicas[...] e eu vim" (v.23)	"desde o primeiro dia" (v.12)
"para declará-la" (v.23)	"eu te declararei" (v.21)

Daniel 9 (ARA)	Daniel 10 (ARA)
“porque és muito amado” (v.23)	“homem muito amado” (v.11)
“considera a mensagem e entende a visão” (v.23)	“atende às palavras que vou te dizer” (11)

Evidentemente, as visões estão intimamente ligadas aos seus respectivos contextos e, por isso, é importante elucidá-los na medida do possível. Isso pode ser exemplificado pelo caso do capítulo 9. Gabriel aparece ao profeta como resposta à sua oração e súplica que é acompanhada de um jejum (Dn 9:3, 4). Embora se saiba que o anjo vem explicar a parte da visão que carecia de mais entendimento<sup>4</sup> (Dn 9:22), é evidente que a missão de Gabriel está ligada à preocupação que levou Daniel ao período de oração e jejum. Tal inquietação está clara: os setenta anos preditos pelo profeta Jeremias estavam chegando ao fim (Dn 9:2); e o que aconteceria agora? Cumpriria Deus suas promessas? O povo voltaria para Jerusalém, afinal?

46 Dessa forma, em primeiro lugar, a explicação-visão de Gabriel dizia respeito ao futuro dos cativos, bem como de Jerusalém, vazia e destruída. É nesse sentido que a visão do capítulo 9 deve partir do particular para o geral. Assim, os setenta anos estavam acabando, a cidade seria reconstruída (9:25), porém Deus daria mais setenta semanas (ou 490 anos literais) de misericórdia (9:24) a Israel, enquanto nação peculiar. Porém, Israel incorreria em erros ainda mais graves, até chegar a “cortar” (matar) o Ungido (9:26). Por isso, um segundo grande juízo viria por meio do “assolador” na “asa das abominações” e traria novamente sob Jerusalém uma “destruição determinada” (9:27).

Essa parece ser a perspectiva de Daniel, principalmente tendo em vista o contexto que antecede a aparição do anjo intérprete. A visão das setenta semanas estava, em primeiro lugar, intimamente ligada ao futuro do povo de Daniel. É claro que isso não nega o fato de que a visão de Daniel 9:24-27 também fornece o ponto de partida das 2.300 tardes e manhãs, como se compreende na teologia adventista. Antes, apenas salienta que para uma adequada compreensão dos 490 anos que dão início ao período das 2.300 tardes e manhãs, é necessário atentar para a situação do profeta; já que é a partir dela que o anjo pronuncia sua explicação.

Se esse for o caso, pode-se concordar com Leatherman (1996, p. 130) ao apontar que uma das causas da diversidade de interpretações da última profecia de Daniel é a falha em observar os padrões dialógicos que envolvem

<sup>4</sup> Uma exegese mais pormenorizada sobre Dn 9:24-27 pode ser encontrada em Shea (2009, p.75-118).

não só essa visão, bem como as encontradas nos capítulos 7 a 9. Ele afirma que “como participante ativo, Daniel tem alguma influência sobre o conteúdo dessas conversações. Isto significa que os assuntos discutidos pelo intérprete incluem aqueles sugeridos por Daniel.” Por isso, “qualquer interpretação dos capítulos 11 e 12 que não entenda essa revelação como resposta a uma pergunta de Daniel considerando o futuro de seu povo enfrenta o risco de sério erro” (LEATHERMAN, 1996, p. 130).

Esse mesmo aspecto dialógico está presente em Daniel 10. Portanto, entender o diálogo que ocorre nesse capítulo pode ajudar a elucidar a visão mais longa e detalhada do livro (Dn 11-12). Por isso, a seguir se discutirão os principais pontos relacionados à interpretação de Daniel 10, que, como se verá, funciona como introdução à revelação dos capítulos 11 e 12.

## Análise de Daniel 10

### Estrutura do Capítulo 10

Abaixo segue o esboço do capítulo 10 de Daniel, o qual servirá de ponto de partida para a análise proposta nas próximas páginas.

47

- I. Introdução (v. 1) [Quando e o quê?]
  - Cronologia (1a)
  - Resumo (1b)
- II. Circunstâncias da visão (v. 2,3) [Por quê?]
- III. Visão do homem de linho (v. 4-6) [Quem Daniel vê?]
- IV. Reação à visão (v. 7-8)
- V. Diálogo com Gabriel (v. 9-21)<sup>5</sup> [O que Daniel ouve?]
  - A Palavras ouvidas, prostração (v. 9)
  - B Fortalecido pelo anjo (v. 10,11)
  - C Encorajado pelo anjo (v. 12)
  - D Batalha contra a Pérsia junto de Miguel (v.13,14)
- A<sub>1</sub> Palavras ouvidas, prostração (v. 15)
- B<sub>2</sub> Fortalecido pelo anjo (v. 16,17)
- C<sub>3</sub> Encorajado pelo anjo (v. 18,19)
- D<sub>4</sub> Batalha contra a Pérsia junto de Miguel (v. 20,21)

---

<sup>5</sup> O paralelismo desta seção se deve a Doukhan (2000, p. 164).

A análise a seguir está organizada a partir dessa divisão. Vale ressaltar que não se propõe aqui, quer por intenção ou por limitação de espaço e tempo, rever exaustivamente verso por verso da passagem. Antes, nossa atenção será voltada mais para as questões gerais do capítulo que ajudam a compreender a visão e o diálogo que servem de introdução para a grande revelação dos capítulos 11 e 12. Ademais, não faz parte do escopo deste artigo qualquer interpretação desses últimos capítulos. De fato, a discussão desenvolvida em seguida visa a formar o *background* da última “visão” de Daniel, de modo que o conteúdo dessa possa ser mais bem compreendido e que o intérprete tenha condições de abordar adequadamente essa importante e esquecida parte de Daniel. As perguntas quando, o quê, por quê, quem Daniel vê, com quem Daniel fala, guiarão a discussão abaixo.

## Quando e o quê?

בשנת שלוש לכורש מלך פרס דבר נגלה לדניאל  
אשר נקרא שמו בלטיש אצר ואמת הדבר וצבא גדול ובין  
את הדבר ובניה לו במראה:

48

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, uma coisa foi revelada a Daniel, cujo nome é Beltessazar. E era verdade a palavra, ela se tratava de uma grande guerra; ele entendeu a palavra, e houve entendimento acerca da visão.<sup>6</sup>

O verso 1 aponta a cronologia (quando?) e o que Daniel vai tratar a seguir (o quê?). A indicação da data é uma característica do autor, principalmente na segunda parte do livro, embora haja o mesmo recurso nos capítulos 1 e 2. No início de cada visão, Daniel informa sempre na terceira pessoa (exceto 9:1), o ano e o governante correspondente (7:1;8:1;9:1;10:1). Assim, essas informações atuam como tipo de cabeçalho para cada revelação da parte propriamente profética. Tais informações são particularmente valiosas para esclarecer o *sitz in leben* de cada visão.

A presença do mesmo padrão de cabeçalho aqui aponta adicionalmente para unidade literária que há entre a parte final e o restante do livro<sup>7</sup>. De

<sup>6</sup> A tradução dos versos do capítulo 10 é sugerida pelo autor desta breve pesquisa e está baseada na versão massorética encontrada na Bíblia Hebraica (ELLIGER; RUDOLPH, 1990).

<sup>7</sup> As correspondências entre o capítulo 9 e 10 também apontam para uma unidade literária, que também pode ser percebida entre os capítulos 11 e 12 e o restante do livro (SHEA, 2009, p. 245-248).

fato, o que parece ser uma nota editorial serve de prefácio para a maioria das narrativas de Daniel (BALDWIN, 1983, p. 189). Além disso, a menção do nome babilônico de Daniel serve para destacar que é o mesmo indivíduo do capítulo 1 que descreve a última visão dos capítulos 10-12.

Vale ressaltar que não se deve confundir 11:1 com um cabeçalho: “Mas eu, no primeiro ano de Dario, o medo, me levantei para o fortalecer e animar” (ARA). Em primeiro lugar, porque o sujeito da frase não é Daniel, mas o anjo que lhe fala no capítulo 10. Em segundo lugar, porque como se verá, cronologicamente o capítulo 11 é imediatamente precedente ao capítulo 10. Na verdade, a divisão dos capítulos é artificial. A “coisa revelada a Daniel” (10:1) é exatamente o que o anjo começa a falar em 11:2. De fato, o sentido de 11:1 é que o mesmo anjo intérprete (Gabriel) que viera em resposta à oração de Daniel em 9:1-19, durante o reinado de Dario<sup>8</sup>, e declarara as palavras de 9:20-27, é o anjo que o acompanha nessa última visão. Ademais, o mesmo anjo que estava engajado na luta contra o “príncipe do reino da Pérsia” (10:13), buscando influenciar os negócios de Ciro, também estava atuando no governo de Dario “fortalecendo e animando-o” (11:1), principalmente em sua política de libertação dos cativos israelitas, que os liberava para voltar a Jerusalém. Assim, Baldwin (1983, p. 193) está correta ao afirmar que

o primeiro ano de Dario foi aquele em que foram despachadas ordens permitindo aos cativos retornarem a Jerusalém. A data não deve ser entendida como um novo cabeçalho de capítulo. É antes uma olhada de relance para um acontecimento recente, para mostrar a ação divina por trás dele.

Logo após a menção da data e governo, Daniel começa a descrever o que ocorreu com ele na última visão do livro. Nesse ponto, é importante questionar se a revelação mencionada no verso 1b, que é tanto “palavra” quanto “visão” entendida por Daniel, a) é distinta da visão do homem de branco e da palavra do capítulo 11, e nesse caso é anterior a esses eventos e não tem ligação com os mesmos; se b) se refere à visão do homem vestido de linho cuja explicação é dada na palavra do capítulo 11; c) se diz respeito apenas à visão do capítulo 11 e não à visão do homem vestido de linho; ou ainda d) se refere às duas, sendo um resumo da visão do homem vestido de linho e da palavra do capítulo 11.

---

<sup>8</sup> Não confundir Dario do capítulo 11 com Dario I que reinou depois de Cambises (ver SHEA, 1991, p. 235-257; 2001, p. 97-105).

Algumas indicações no texto apontam para a última possibilidade. Primeiramente, os dois vocábulos “palavra” (הַדְּבָר) e “visão” (מַרְאֵה) parecem bem descrever o que o profeta vê (a visão do homem de linho) no capítulo 10 e o que ele ouve no capítulo 11 (“eu te declararei”). Nesse caso a “coisa revelada” (דְּבַר נִגְלָה) a Daniel diz respeito à visão de 10 e a palavra de 11. Ou ainda melhor, ambas devem ser vistas como uma só revelação. Em segundo lugar, Daniel afirma ter entendido (וּבִין/וּבִינָה) tanto a visão quanto a palavra. Sendo assim, parece difícil que o capítulo 11 seja explicação da visão do homem vestido de linho ou de alguma outra não mencionada explicitamente. Diferentemente do capítulo 9, o anjo não aparece para explicar algo que não ficara muito claro para o profeta na visão anterior. Antes, o que parece uma “explicação” em 11 é a própria visão. Que a visão de 11 é de natureza diferente das demais, fica claro no fato de que nesse capítulo há mais metáforas do que símbolos (animais, chifres, ventos etc).

Além disso, Daniel afirma que a palavra tratava de uma “grande guerra” (צָבָא גְדוֹלָה). Nenhuma outra expressão poderia ser mais adequada para resumir o que se fala em Daniel 10 e 11. Enquanto no capítulo 10 a batalha é travada por príncipes na invisível realidade espiritual, no capítulo 11 as guerras envolvem reis humanos que estariam em direto contato com o povo de Deus ao longo das eras até o tempo do fim. Aqui se poderia traduzir a expressão como “grande conflito”, termo tão conhecido da teologia adventista e oriundo dos escritos de Ellen G. White. Por fim, o verso 1 parece servir de resumo para os capítulos 10 a 12, o que pode ser inferido também a partir do uso do vocábulo “verdade” (אֱמֶת) que parece ligar o capítulo 10 ao 11. Enquanto no primeiro Daniel afirma que a palavra era “verdade” (אֱמֶת), no segundo o anjo diz “agora te declararei a verdade” (11:2). Tendo em vista esses argumentos parece mais razoável considerar o verso 1b como resumo de tudo o que Daniel vê e ouve na seção final de seu livro. Tal conteúdo foi por ele entendido, pelo menos até onde lhe foi possível ou permitido, já que a visão estaria selada e só seria aberta no tempo do fim (12:4,9).

50

## Por quê?

בְּיָמֵים הָהֵם אֲנִי דִנְנֵאל הָיִיתִי מִתְאַבֵּל שְׁלֹשָׁה שָׁבָעִים יָמִים:  
 לָקַחְתִּי חֲמֹדוֹת לֹא אֲכַלְתִּי וּבִשָׂר גִּיּוֹר לֹא-בָא אֶל-פִּי וְסוּרָה לֹא-סִכַּחְתִּי עַד-מְלֵאת שְׁלֹשָׁה  
 שָׁבָעִים

2. Naqueles dias, eu Daniel, estive lamentando três semanas;
3. pão desejável não comi, nem carne nem vinho vieram a minha boca; nem com óleo me ungi até que se completassem as três semanas.

A segunda pergunta que deve ser dirigida ao texto diz respeito à razão (por quê?) da lamentação de Daniel e o que o levou “às margens do grande rio”, bem como as circunstâncias que motivaram a visão do homem vestido de linho e a vinda subsequente de Gabriel.

Infelizmente, o profeta não menciona a razão do lamento. O uso do particípio מְתַאֲבֵל pode indicar uma ação durativa, o que implica que o lamento deve ter perpassado todo o período. Porém, a cronologia indicada pelo autor pode ajudar a elucidar e fornecer pistas sobre as razões que levaram o profeta, e provavelmente os outros que estavam com ele (10:7), a jejuar durante três semanas completas.

Segundo o texto bíblico, a visão do homem vestido de linho ocorreu depois desse período “no quarto dia do primeiro mês” (10:4), ou seja, 24 de Nisan do terceiro ano de Ciro, que provavelmente equivale a 535 a.C.<sup>9</sup> Nesse caso, o período de retiro foi pelo menos de 3 a 24 de Nisan. Isso significa que qualquer que tenha sido o motivo, deve ter sido importante, pois “tal era a preocupação que Daniel multiplica por sete os dias recomendados para contrição (Ex 19:10-15; Ed 4:16), e mesmo jejua na Páscoa”, salienta Doukhan (2000, p. 158). Sendo assim, a menção de abstinência de “carne” (וּבִשָּׂר) e “vinho” (וּבַיַּיִן) pode ser mais significativa. Por isso a questão sobre o motivo que levou o profeta a lamentar nessa ocasião surge com mais força. Keough destaca que o Êxodo e, por consequência, a Páscoa, tinham assumido nova importância para os exilados (1986, p.107). Isso parece lógico, pois eles passaram a viver a experiência e a expectativa de seus antepassados em vista de um novo êxodo.

Shea (1983, p. 233) destaca que neste ano (535a.C.) a primeira leva de exilados já havia voltado para Jerusalém. Por isso, a preocupação de Daniel no capítulo 10 deve ser diferente daquela que o levou a orar no capítulo 9 (9:2). Também não era a reconstrução de Jerusalém a principal questão aqui, já que a obra não foi terminada até um século mais tarde. Desse modo, por eliminação, o templo sobra como foco da preocupação (SHEA, 1983, p. 233).

De fato, de acordo com Ageu, Zacarias e Esdras 5-6 o atraso da obra de reconstrução do templo não era uma intenção divina. Havia naquele período oposição local contra a reconstrução (Ed 4:4,5). Por isso, Shea (1983, p 233) parece ter razão quando afirma que

a convergência de tais fatores sugere que Ciro, diretamente ou através de seus representantes, cedeu à pressão aplicada pelos conse-

<sup>9</sup> Shea (1983, p. 226-228) apresenta boas razões para se crer que Daniel estava usando o calendário outonal vigente em Jerusalém antes da invasão. Ele propõe o dia equivalente no calendário juniano a 11 de maio, um sábado de 535 a.C.

lheiros dos oponentes dos judeus; ele concordou com a suspensão da reconstrução do templo. Esta, então, é a questão em jogo mais provável em Daniel 10; a saber, o desenvolvimento da resistência por parte da autoridade persa na reconstrução do templo em Jerusalém.

Então, a demora e a oposição contra a reconstrução do templo devem ter levado Daniel a esse período de retiro. É importante salientar que o templo no AT era a expressão física da presença de Deus com seu povo. Ele também era um dos pilares da sociedade israelita. Jerusalém sem o templo não tinha significado. Mas Daniel, a seguir, receberia a visita do sumo sacerdote celestial que lhe apareceria pessoalmente para ressaltar que a guerra já tinha um lado vitorioso.

### Quem Daniel vê?

בְּיוֹם עֲשָׂרִים וָאַרְבָּעָה לַחֹדֶשׁ הָרִאשׁוֹן וְאֲנִי הָיִיתִי עַל יַד הַנָּהָר הַגָּדוֹל הוּא חֲדָקָל:  
וְאִשָּׁא אֶת-עֵינַי וְאָרָא וְהִנֵּה אִישׁ-אֶקֶד לְבוּשׁ בְּדִים וּמְתַנְּיוֹ תְּגָרִים בְּכֶתֶם זָאוֹף  
וּגְוִתָּו קְתָרְשִׁישׁ וּפְנָיו כְּמַרְאֵה בְּרָק וְעֵינָיו כְּלַפְיֵדִי אִשׁ וְזָרְעָתוֹ וּמַרְגָּלָתוֹ כְּעֵין נְחֹשֶׁת  
קָלָל וְקוֹל דְּבָרָיו כְּקוֹל הַמָּוֶן

52

4. E no dia vinte quatro do primeiro mês eu estava nas margens do grande rio Tigre.
5. Então levantei meus olhos e vi, e eis que um homem estava vestido com linho branco e os lombos cingidos com ouro de Ufaz,
6. seu corpo era como pedra preciosa e seu rosto tinha a aparência de relâmpago, os seus olhos eram como tochas de fogo, seus braços e pés tinham o aspecto de bronze polido e o som das palavras dele era como o barulho de uma multidão.

Há muita divergência entre os comentaristas conservadores sobre a identidade do ser que aparece aqui a Daniel.<sup>10</sup> A maioria se divide em dois grupos: os que advogam ser Gabriel ou outro poderoso anjo e os que defendem ser uma manifestação divina (teofania). Porém, o texto provê algumas indicações para uma teofania, que “apontam para a revelação da הִתְהַלָּחָה, a manifestação gloriosa do Senhor” (KEIL; DELITZSCH, 2002, p. 766).

---

<sup>10</sup> Por exemplo, intérpretes que defendem Gabriel — Lopes (2005); Carson (1994), Walvoord; Zuck (1985); Lange et al (2008). Intérpretes que defendem um Ser divino Maxwell (2002); Doukhan (2000); Keough (1986); Keil-Delitzsch (2002); Goldingay (2002).

A descrição feita por Daniel não passa de mera tentativa humana de transmitir uma imagem incapaz de ser reproduzida fielmente por palavras ordinárias. Tal descrição se assemelha muito a duas outras registradas no cânon bíblico, a saber, Ezequiel 1 e Apocalipse 1. O quadro abaixo pode ajudar a exemplificar isso.

Ezequiel 1	Daniel 10	Apocalipse 1
“junto ao rio Quebar” (v. 1)	“nas margens do grande rio Tigre” (v. 4)	
“olhei e vi” (v. 4)	“levantei meu olhos e vi” (v. 5)	“vi [...]” (v. 12)
“a semelhança de um homem” (v. 26)	“um homem” (v. 5)	“alguém semelhante a um filho de homem” (v. 13)
	“vestido com linho branco” (v. 5)	“vestido com vestes talarés” (v. 13)
	“os lombos cingidos com ouro” (v. 5)	“cingido [...] com um cinto de ouro” (v. 13)
“como brilho de âmbar” (v. 27)	“era como pedra preciosa” (v. 6)	
“o aspecto de fogo pelo interior dele” (v. 27)	“seus olhos eram como tochas de fogo” (v. 6)	“os seus olhos como chama de fogo” (v. 14)
“havia um resplendor ao redor dele” (v. 27)	“tinha a aparência de relâmpago” (v. 6)	“o seu rosto era como sol” (v. 16)
	“pés tinham o aspecto de bronze polido” (v. 6)	“os seus pés eram semelhantes a latão reluzente”
	“o som das palavras dele era como o barulho de uma multidão” (v. 6)	“a sua voz como a voz de muitas águas” (v. 15)

Difícilmente, alguém poderia argumentar que a semelhança é mera coincidência. O quadro geral mostra que Ezequiel, Daniel e João viram o mesmo ser. Não usam palavras iguais, pois não estão copiando um do outro, mas descrevem a visão em termos muito parecidos. De modo interessante, as três visões estão ligadas ao templo. No capítulo 1, Ezequiel vê a glória do Senhor antes de sair do templo. Daniel a vê enquanto está fora do templo, já que o mesmo jazia ainda em ruínas. E, por fim, João a vê de novo no templo, porém no templo celestial. Com o fim das setenta semanas, a glória não volta para o templo de Jerusalém, mas se dirige ao templo feito não por mãos humanas, nem desta criação (Hb 9:11).

Assim, a glória do Senhor em Ezequiel, o homem vestido de branco em Daniel e semelhante ao filho de homem visto no santuário celestial por João nada mais é do que o Cristo pré-encarnado (Ez, Dn) ou o Cristo entronizado no santuário celestial (Ap). É muito significativo que Cristo em suas vestes sacerdotais (ver Lv 16:4, 23; Ex 28:4,5,8), o próprio sumo-sacerdote celestial, venha a Daniel em resposta ao lamento, jejum e oração em favor do templo terrestre. Com a visão do capítulo 10, Deus mostra a Daniel que os negócios do templo terrestre também estavam na agenda de ação divina. E que ele estava interessado em seu futuro. Ademais, mostra que a manifestação da presença visível de Deus não estava confinada ao lugar santíssimo do santuário; também poderia estar junto às margens do grande rio com Daniel.

Além disso, a reação física de Daniel também indica uma teofania. Os homens que estavam com Daniel fugiram aterrorizados (v. 7). Daniel desfigurou-se e não restou nele força alguma (v. 8). Nem sequer conseguia ficar em pé e acabou caindo em sono (v. 9). Por duas vezes o anjo lhe tocou para o restabelecer (v. 10,18). Mesmo após o primeiro toque, Daniel se levantou tremendo e com dificuldade (v. 10); suas palavras ainda no verso 16 e 17 demonstram a dimensão do impacto físico da visão: “Senhor com a visão me sobrevieram dores; e não retive força alguma [...] não permanece força alguma em mim, nem fôlego me resta.”

54

Em nenhuma outra visão Daniel reage dessa forma. Isso pode indicar que é a primeira vez que Daniel se encontra pessoalmente com a divindade.<sup>11</sup> No capítulo 9 não há qualquer reação física parecida com essas ao se deparar o profeta com o anjo intérprete Gabriel (9:21). No capítulo 8, quando Gabriel se aproxima, simplesmente fica assombrado e cai com o rosto em terra (8:16); nem de perto tem as mesmas reações do capítulo 10. Isso parece indicar, adicionalmente, que o homem vestido de linho não é nem Gabriel nem outro anjo ou ser celestial, e sim um ser divino.

### Com quem Daniel fala?

וְהִנֵּה יָד נֹגְעָה בִּי וְתַנְיַעַנִי עַל-בְּרַכְי וְכַפּוֹת יָדַי

10. Então uma mão tocou em mim e me sacudindo me pôs sobre meus joelhos e as palmas das minhas mãos.

<sup>11</sup> É verdade que em Daniel 7, o profeta vê o “ancião de dias” e “um como o filho do homem”. Porém, como ele mesmo descreve isso ocorre num sonho em “visões de sua cabeça”. Por outro lado, em Daniel 10 a visão é mais pessoal e ele a tem acordado. Embora os homens que estavam com ele “nada viram” (v.7), eles perceberam a presença divina e saíram aterrorizados. Tal terror também sobreveio aos que estavam com Paulo na estrada de Damasco, por exemplo.

Para formar o cenário da última profecia de Daniel, outra questão a ser levantada é quem participa dos diálogos do capítulo 10. A maioria dos comentaristas que interpretam o homem vestido de linho dos versos 4-6 como sendo um anjo, admitem que o mesmo personagem que lhe aparece nesses versos é quem se dirige a Daniel e conversa com ele ao longo da narrativa. Entretanto, como se percebeu anteriormente, com base na descrição que é feita e na reação de Daniel e os que estavam com ele, dificilmente o homem vestido de linho não deve ser outro senão um ser divino, a glória de Javé, o anjo do Senhor ou o Cristo pré-encarnado (os títulos são diferentes, mas se tratam do mesmo ser).

Contudo, se o Cristo pré-encarnado aparece a Daniel nos versos 4-6, o mesmo personagem não pode ser o sujeito das ações verbais do verso 10 em diante. Pois o personagem que fala a Daniel durante o restante do capítulo precisa da ajuda de Miguel, cuja identidade será discutida na próxima seção, no embate com o príncipe do reino da Pérsia (10:13). Ademais, se o sentido do participio קָיָהֵם denota fortaleza e ânimo, no verso 21 há mais uma afirmação da dependência deste personagem de Miguel para lutar tanto contra o príncipe da Pérsia quanto contra o da Grécia (ver 10:20): “e não há ninguém que me firme contra eles a não ser Miguel.”<sup>12</sup>

Nesse caso, o ser que aparece a Daniel vestido de linho não é o mesmo que tece o diálogo no restante do capítulo, e nem mesmo é o revelador de 11-12, visto que o mesmo personagem que começa a interagir com Daniel em 10:11 é quem fala com ele até o final do capítulo 12. Mesmo quando o homem de linho explicitamente fala no fim da visão (12:7), ele não se dirige a Daniel, mas a um ser que estava presente também na cena.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Mesmo que a tradução da ARA esteja correta: “não há ninguém que esteja do meu lado contra aqueles”, a ideia de dependência continua já que o significado básico da raiz verbal קָיָה denota fortalecer, animar, tornar forte, ser corajoso. Assim, o sentido é estar ao lado para fortalecer.

<sup>13</sup> A leitura de Daniel 12:4-7 implica na presença de pelo menos cinco personagens distintos na cena da última visão: o homem vestido de linho sobre as águas do rio, dois outros seres à beira das margens do rio, Daniel e o ser que conversa com ele desde 10:11. Daniel 12:4-9: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará. Então, eu, Daniel, olhei, e eis que estavam em pé outros dois, um, de um lado do rio, o outro, do outro lado. Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão. Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim.”

De fato, uma leitura apressada do texto pode deixar a impressão de que o ser que Daniel vê nos versos 4-6 também é quem fala com ele a partir do verso 11 em diante. É verdade que o texto não deixa muito evidente a mudança de personagem, porém os versos 9 e 10 oferecem indícios dela. Que o profeta ouviu a voz do homem de linho fica claro, quando afirma que sua voz era como o barulho de uma multidão (10:6). Isso é confirmado no verso 9, quando afirma novamente “ouvi a voz das palavras dele” (10:9). Porém, a segunda parte da cláusula é introduzida pelo infinitivo construto וְכִשְׁמַעְתָּ prefixado pela preposição כִּי que introduz uma oração circunstancial que pode ser traduzida como: “quando ouvi” ou “à medida que ouvia”. Em seguida ele continua: “um sono repentino caiu sobre mim e minha face arriou sobre a terra” (10:9). Então, fica claro que Daniel não teve condições físicas de continuar ouvindo a voz. Ademais, a descrição de Daniel parece indicar que ele não conseguiu discernir o que a voz dizia, já que a “voz era como o barulho de uma multidão” (10:6).

É assim que no verso 10 o personagem que acompanhará Daniel no diálogo até o fim da visão entra em cena: “então uma mão tocou em mim e me sacudindo me pôs sobre meus joelhos e as palmas das minhas mãos”. Dessa forma, o sujeito do verso 11 é o mesmo que toca Daniel, o reanima e conversa com ele a partir do verso 10. O homem vestido de linho irá ser mencionado novamente apenas no fim da visão (12:5-7).

Além do contexto do capítulo 10 como destacado acima, do ponto de vista funcional a gramática pode apoiar essa proposição<sup>14</sup>. A partir da segunda cláusula do verso 4 há uma sequência uniforme de orações introduzidas por verbos na primeira pessoa comum do singular acompanhados ou não do pronome independente: “eu estava” (וְאָנִי הָיִיתִי) (v. 4b), “eu levantei os meus olhos e vi” / וְאָרָא וְנִשְׂאָרְתִּי לְבַדִּי (v. 5), “vi” / וְרָאִיתִי (v. 7), “eu fiquei sozinho e vi a visão” / וְאָרָא וְנִשְׂאָרְתִּי לְבַדִּי (v. 8), “eu ouvi” / וְשָׁמַעַתְּ / “eu estive dormindo” / וְאָנִי הָיִיתִי בְּרֵדָמַם (lit. v. 9). Porém, no verso 10 há uma quebra nessa sequência; a cláusula é introduzida pela preposição וְהִנֵּה e o verbo נִגְעָה está na terceira pessoa do feminino singular, cujo sujeito (יָד) está focalizado antecedendo o verbo (“uma mão tocou em mim” / וְהִנֵּה יָד נֹגְעָה בִּי). Dessa forma, o verso 10 parece introduzir uma notável mudança na narrativa. Na continuação da perícopie, a maioria dos verbos ou está na terceira pessoa do masculino singular ou na primeira pessoal comum singular, mas não tendo Daniel como sujeito. Assim, a própria estrutura da narrativa oferece indício para uma mudança. O contexto parece favorecer que tal mudança se trata do personagem que Daniel vê para o personagem que o toca para acordá-lo.

<sup>14</sup> Sobre a metodologia da Gramática Funcional da Língua Hebraica, ver Burth (1995, p. 77-112).

Adicionalmente quando os capítulos 9 e 10 são comparados, se percebe que as ações de Gabriel são praticamente as mesmas em ambos. O mesmo se dá quando essas ações são comparadas com as dos capítulos 7 e 8.

Tendo em vista o esclarecimento sobre os personagens, que de alguma forma interagem pessoalmente com Daniel, o caminho está aberto para a última parte destas reflexões, a saber, o conteúdo do diálogo (o que Daniel ouve?). Nessa parte, o anjo intérprete abre a cortina para mostrar personagens invisíveis a Daniel, mas que diretamente agem em favor ou contra o profeta e seu povo.

### O que Daniel ouve?

וַיֹּאמֶר אֵלַי דְּנִיָּאל אִישׁ־תְּמִדוֹת הָבֹן בְּדַבָּרִים אֲשֶׁר אָנֹכִי דֹבֵר אֵלֶיךָ וְעַמֵּד עַל־עַמְדָּךָ כִּי עָתָה שְׁלַחְתִּי אֵלֶיךָ וּבְדַבְּרוֹ עִמִּי אֶת־הַדְּבָר הַזֶּה עַמְדָּתִי מִרְעִיד:

וַיֹּאמֶר אֵלַי אֶל־תִּירָא דְנִיָּאל כִּי אֲנִי־הַיּוֹם הָרִאשׁוֹן אֲשֶׁר נָתַתְּ אֶת־לֶבְךָ לְהִבִּי וְלִהְתַּעֲזוֹת לִפְנֵי אֱלֹהֶיךָ נִשְׁמְעוּ דְבָרֶיךָ וְאֲנִי־בָאתִי בְּדַבְּרֶיךָ:

וְשׂוֹר אֲמַלְכוֹת פָּרַס עֲמַד לְגַגְדֵי עֲשָׂרִים וְאַחַד יוֹם וְהִנֵּה מִיכָאֵל אֶחָד הַשָּׂרִים הָרִאשׁוֹנִים בָּא לְעֹרְכִנִי וְאֲנִי נֹתַרְתִּי שָׁם אֲצֵל מַלְכֵי פָּרַס:

וּבָאתִי לְהִבִּינְךָ אֶת אֲשֶׁר־יִקְרָה לְעַמְּךָ בְּאַחֲרֵית הַיָּמִים כִּי־עוֹד חִזּוֹן לְיָמִים:

57

11. E disse-me: Daniel, homem valioso, atenta para as palavras que te falo e põe-te em pé no teu lugar, pois agora sou enviado a ti. E enquanto ele falava esta palavra fiquei em pé tremendo.

12. Disse ainda para mim: não temas Daniel, pois desde o primeiro dia que aplicaste o teu coração para entender e humilhar-te diante do teu Deus foram ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa de tuas palavras.

13. Mas o príncipe do reino da Pérsia permaneceu diante de mim vinte e um dias, até que Miguel, o primeiro dos primeiros príncipes, veio para me ajudar, e eu fui deixado ali próximo aos reis da Pérsia.

14. Mas vim para fazer-te entender o que ocorrerá a teu povo no fim dos dias, pois a visão diz respeito a dias distantes.

21. Antes declararei para ti o que está escrito no livro da verdade; e não há ninguém que me firme contra eles a não ser Miguel.

11:1 No primeiro ano de Dario, o medo, permaneci diante dele para seu próprio ânimo e fortaleza.

2a. Agora te declararei a verdade.

Após a saudação inicial, que marca a apreciação e o caráter distinto do profeta exilado (v. 11), o anjo conforta Daniel, declarando que desde o primeiro dia que ele tinha estado a orar já houve disposição celestial em lhe responder (v. 12). Como já mencionado antes, o que Daniel procurava entender (v. 12) era a situação de seu povo na perspectiva da oposição contra a reconstrução do templo. A seguir, o anjo faz a importante declaração: “eu vim por causa das tuas palavras” (v. 12). A implicação disso para o objetivo desta reflexão é óbvia: o conteúdo da última visão do livro deve estar relacionado com os conflitos que envolvem o povo de Deus e a relação de oposição dos inimigos de Deus e seus filhos com o templo terrestre e celestial. Essa parece ser uma boa chave hermenêutica para a leitura dos capítulos 11 e 12, principalmente porque é extraída do próprio contexto que antecede a visão e porque respeita o padrão dialógico presente nessa última profecia de Daniel. Essa chave hermenêutica é reiterada no claro anúncio do anjo: “Mas vim para fazer-te entender o que ocorrerá a teu povo” (v. 14).

Outro importante elemento fornecido pelo anjo está no final do mesmo verso: “[...] no fim dos dias, pois a visão diz respeito a dias distantes”. Além de identificar o povo de Deus no passado (“o teu povo nos últimos dias”) com seu povo no presente e no futuro, a implicação é que a visão ultrapassaria, em muito, os dias do próprio profeta. Qualquer interpretação dos capítulos finais de Daniel deve levar em conta essa afirmação.

58

O verso 13 é uma incrível janela aberta para o mundo espiritual quase sempre invisível aos olhos humanos. Muito tem se discutido sobre a natureza dos seres envolvidos aqui e outras questões envolvendo este verso<sup>15</sup>. Não há muito espaço para essa discussão, mas algumas considerações são essenciais. A primeira é quanto à identidade do “príncipe do reino da Pérsia”. Embora haja vozes discordantes, é verdade que a maioria dos intérpretes judaicos e cristãos reconhecem a natureza sobrenatural do “príncipe do reino da Pérsia” (KEIL; DELITZSCH, 2000, p. 770).<sup>16</sup> Maxwell oferece bons argumentos para a identi-

<sup>15</sup> Por exemplo, o significado da frase “eu fui deixado ali próximo aos reis da Pérsia” é de difícil interpretação. Qual é o sentido do verbo *הִשָּׁמַח* nesse contexto,? Se, de fato, significa “ser deixado” ou “restar”, que tipo de situação se quer expressar com ele? A quem se refere o plural “reis da Pérsia”? Aparentemente, tais perguntas ainda não possuem respostas satisfatórias ou definitivas.

<sup>16</sup> Entre as vozes discordantes estão Calvino e a maioria dos reformadores protestantes (KEIL; DELITZSCH, 2000, p. 770) que reconhecem o “príncipe do reino da Pérsia” como Ciro ou Cambises, seu filho. Na teologia adventista, Shea (1983, p. 225-250) está entre os que oferecem os argumentos mais plausíveis para a identificação do príncipe da Pérsia como Cambises. No entanto, devido ao peso dos argumentos citados acima, se rejeita tal posição de Shea neste ponto em particular.

ficção desse ser como participante das hostes infernais de Satanás, que se opõe a Gabriel: 1) para Ciro havia outros títulos (grande rei, rei de Babilônia, rei das nações); 2) há contraponto com Miguel “nosso príncipe” e “grande príncipe, o defensor de teu povo. 3) por três vezes Cristo identificou a Satanás como “príncipe” (Jo 12:31; 14:30; 16:11) (MAXWELL, 2002, p. 289). Além desses, outros argumentos podem ser mencionados: 4) a frequência com que a palavra príncipe é usada em Daniel em referência a seres sobrenaturais (Dn 8:11, 25; 10: 21; 12:1) (NICHOL, 1978); 5) os demais seres envolvidos no verso 13 são sobrenaturais, a saber, Gabriel, Miguel; 6) se príncipe aqui equivale ao governante terreno, o mesmo deve ser aplicado ao “príncipe da Grécia” no verso 20, o que parece improvável; 7) os governantes terrestres são chamados “reis” no capítulo 11; e, por último, 8) os capítulos 10 e 11 parecem se contrabalancear da seguinte forma: enquanto no capítulo 10 o anjo delinea as batalhas dos “príncipes” nas regiões celestes, no capítulo 11 ele esboça a guerra dos “reis” na terra, que vem a ser mero reflexo da batalha invisível em que o povo de Deus está envolvido. O peso dos argumentos aponta para a ideia de que o “príncipe do reino da Pérsia” é um representante satânico que atrasa a chegada de Gabriel se interpondo em seu caminho, e que somente com a vinda do poderoso Miguel é derrotado.

Além disso, outra questão que precisa ser dirigida é quanto à identidade de Miguel. Nesse ponto, os comentaristas oriundos da teologia adventista, em geral, parecem assumir uma posição singular. Fora desse grupo, a maioria dos intérpretes desse capítulo assume que Miguel é um poderoso anjo, que, assim como o príncipe da Pérsia, é representante de um povo, nesse caso o povo de Israel. Para esses, Miguel estaria acima de Gabriel, o anjo intérprete do profeta, na hierarquia celestial.<sup>17</sup> Porém, o estudo do termo no contexto bíblico mais amplo provavelmente aponta para outra direção.

O termo “Miguel” aparece apenas cinco vezes na Bíblia inteira. A maioria delas ocorre em Daniel (10:13, 21; 12:1), todas na última visão; as demais aparecem em Judas 1:9 (uma vez) e Apocalipse 12:7 (uma vez). Como se vê, todas em textos apocalípticos e no contexto de confronto direto com as hostes malignas. A partir das ocorrências neotestamentárias, onde Miguel aparece em confronto direto com Satanás, é possível inferir que de alguma forma ele mesmo estaria envolvido no embate do verso 13.

Quanto à identidade de Miguel, algumas observações seguem. Judas atribui a Miguel o título de “arcanjo” (ἀρχάγγελος), ou seja, o “primeiro anjo”

<sup>17</sup> Por exemplo: Bauckham (1983, p. 47, 48); Berkhof (1990, p. 170); Blum (1981, p. 391); Champlin (2002, p. 326).

ou “anjo principal”.<sup>18</sup> A única outra ocorrência bíblica de “arcanjo” acontece em 1 Tessalonicenses 4:16, onde os mortos ressuscitam “à voz do arcanjo”. É interessante notar que o apóstolo João já havia afirmado em seu evangelho “porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz; e os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação” (Jo 5:28). A partir da leitura desses versos a implicação é evidente: Miguel, o arcanjo, é Jesus Cristo, cuja voz ressuscita os mortos na *parousia*. A atividade de Miguel no AT já fica clara na passagem de Judas 1:9. Ali Miguel, o arcanjo contende com o diabo “a respeito do corpo de Moisés”, também num contexto de ressurreição.

A identidade de Miguel no AT parece se coadunar com aquela apresentada no NT. Primeiramente, em Daniel 10:13, Miguel é chamado de “o primeiro dos primeiros príncipes” ou o “príncipe principal” (אֲחֵד הַשָּׂרִים) (רִאשֹׁנִים)<sup>19</sup>; um título que muito bem equivale a “arcanjo”, empregado por Judas em relação a Miguel no NT. Em segundo lugar, Daniel 10: 21 atribui a Miguel a designação de “vosso príncipe”. Evidentemente que o sufixo pronominal “vosso” (שָׂרְכָם) se refere ao povo de Daniel, ou seja, os filhos de Israel. Em Josué 5 há a instrutiva aparição de um ser que se denomina “príncipe do exército do Senhor” (Js 5:14). A divindade desse ser fica implícita nas ações de Josué, que “se prostrou com o rosto em terra e o adorou” (Js 5:14), e na ordem do homem “descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo” (Js 5:15), a mesma ordem dada a Moisés diante da sarça ardente quando ele se encontra com o “Eu Sou o que Sou” (ver Êx 3). Parece óbvio que a natureza divina de Miguel como príncipe de Israel mais uma vez é confirmada aqui. Em terceiro lugar, no fim da profecia do capítulo 11 “Miguel, o grande príncipe que protege os filhos de teu povo” se levanta para livrar o povo de Deus (Dn 12:1-4). A mesma imagística do livramento do povo de Deus aparece em Salmos 37:4 quando o salmista afirma: “O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra”. Se o anjo do Senhor nessa passagem se refere ao personagem divino que aparece várias vezes em conexão com o Israel no AT, se tem aqui mais uma indicação que Miguel é Jesus. Adicionalmente, Doukhan (2000, p.

60

<sup>18</sup> Sobre arcanjo ver: Bromiley (2002, p. 347); Freedman *et al* (2000, p. 95); Elwell; Beitzel (1988, p. 160); Nichol (1957).

<sup>19</sup> Não “um dos primeiros príncipes” como na ARA e outras versões. “A palavra *ahad* também pode significar primeiro (Gn 1:5; Ex 40:2; Lv 23:24; Dt 1:3; 1Re 16:23; 2Cr 29:17; E1:1; 3:6; 7:9; 10:16,17; Ez 26:1; 29:17; 31:1 etc). *Ahad* é usado para evitar a redundância *rishon harishonim*. Assim, a expressão é equivalente a “príncipe dos príncipes” (Dn 8:25) (DOUKHAN, 2000, p.163).

164) salienta que “a tradição rabínica<sup>20</sup> considerava Miguel como o esperado *mashiach* e o sumo sacerdote que oficia na Sião celestial”.

Tendo em vista o quadro acima pode se afirmar que Miguel e Cristo são títulos diferentes para a mesma pessoa. Assim, o anjo do Senhor ou príncipe do exército do Senhor é Cristo acompanhando de perto seu povo no passado. Ele é o ser que batalhou por Israel contra seus inimigos. Sua presença muitas vezes se tornou visível e se materializou nas pungentes vitórias de Israel contra as nações que o ameaçavam. Similarmente, Miguel é Cristo que acompanha seu povo até o final, quando se levantará definitivamente para livrar seus filhos de todas as épocas. Ele é o ser que trava ainda hoje as batalhas invisíveis contra o arquiinimigo dos filhos de Deus. Sua presença se materializará no tempo do fim quando voltar em glória para resgatar seus filhos (ver Mt 13:26; 25:31). Por consequência, Miguel e o homem vestido de linho são a mesma pessoa; são imagens daquele que luta e intercede em favor de seu povo em todos os tempos.

Depois de fortalecer e animar Daniel novamente (v. 19), Gabriel faz suas últimas declarações antes de iniciar a revelação do capítulo 11. A afirmação de que o anjo voltaria para continuar a luta contra o príncipe da Pérsia mostra que o embate do verso 13 envolvia mais do que o impedimento de responder a oração de Daniel. A batalha envolvia o próprio futuro do povo de Daniel incluindo o futuro do santuário que estava ameaçado pelas circunstâncias que o rodeavam. Esse pensamento parece ser confirmado pela menção da vinda do príncipe da Grécia e a impressão de que o combate continuaria, mesmo que com personagens diferentes.

61

Contudo, o significado da frase “saindo eu, virá o príncipe da Grécia” é enigmático. Lange *et al.* (2008, p. 228) destaca que “o ‘saindo’ nessa passagem, como frequentemente em incidentes bélicos, certamente denota um ‘sair’ para a batalha em vez de uma mera partida de uma localidade”<sup>21</sup>. Essa pode ser uma boa possibilidade de interpretação. Se esse for o caso, a paráfrase de Keil e Delitzsch (2002, p.774) pode ser muito instrutiva:

Agora voltarei para retomar e continuar a guerra com o príncipe da Pérsia, para manter a posição obtida (v. 13) junta aos reis da Pérsia; mas quando (enquanto) eu sair para a guerra, i.e., enquanto eu continuar este conflito, eis, que o príncipe da Grécia virá, então haverá um novo conflito.

---

<sup>20</sup> Talmud Babilônico — Zabahim, 62a; Menahot 110a; Midrash rabbah de Ex 18:5; midrash on the Psalms, 134 seção 1; Pesikta Rabbati, Piská, 44 seção 10 (DOUKHAN, 2000, p.164).

<sup>21</sup> Por exemplo Josué 14:11; 1 Reis 2:7; 1 Samuel 8:20; Isaías 42:12; Ezequiel 14:10.

O último verso do capítulo (v. 21) marca o caráter de “palavra” da visão final do livro. Antes de retomar o conflito, o anjo revelaria ao profeta a mais detalhada descrição apocalíptica encontrada na Bíblia, que envolveria acontecimentos que iam dos dias do profeta até o fim do grande conflito com o erguimento de Miguel. Tal revelação, segundo o anjo, estava de acordo com “o que está escrito no livro da verdade” (v. 21). Vale lembrar que tentar definir a natureza ou identidade deste livro é muito difícil. Walvoord e Zuck (1985, p. 1367) conjecturam que o livro é “o registro da verdade de Deus em geral, do qual a Bíblia é uma expressão”.

A segunda parte do verso (v. 21b) enfatiza o envolvimento de Miguel, que não se restringe ao episódio do verso 13. Aliás, seu engajamento vai até o fim quando se levanta para livrar definitivamente seu povo (12:1). O referente do plural “contra eles” é incerto, mas pode reportar-se ao “príncipe da Pérsia” e ao “príncipe da Grécia” que seriam os antecedentes mais próximos (v. 20). A cláusula restritiva “não há ninguém [...] a não ser Miguel” marca o intenso envolvimento de Miguel nos negócios de Israel e seu poder elevado como fator determinante nas batalhas que Gabriel estava envolvido.

## Implicações para compreensão de Daniel 11 e 12

62

Dessa forma, o estudo do capítulo 10 de Daniel está longe de ser esgotado. Várias questões precisam ser mais adequadamente esclarecidas. Mesmo assim, sua mensagem é clara e seu estudo provê um *background* importante para a compreensão dos capítulos 11 e 12. De fato, do ponto de vista dessa reflexão, o presente capítulo fornece as chaves hermenêuticas para a interpretação da última profecia de Daniel. Algumas dessas chaves são brevemente descritas a seguir. A partir dessas, se considerará de que forma a compreensão do capítulo 10 pode afetar a interpretação da profecia dos capítulos 11 e 12.

Em primeiro lugar, a última profecia de Daniel é uma revelação mais em termos de “palavra” do que de “visão”. Diferentemente das grandes profecias de 2, 7 e 8, que transmitem sua mensagem através de sonhos e visões, a última profecia se trata de uma “palavra revelada a Daniel” (Dn 10). É verdade que o capítulo 10 começa com uma visão, porém tal visão não é a mensagem em si a ser transmitida, apenas o ponto de partida para a “palavra” que será revelada ao profeta. Por isso, os capítulos 11 e 12 são singulares dentro da profecia apocalíptica em geral. Em termos de conteúdo, sem dúvida seguem o padrão apocalíptico;

pois seu enfoque histórico é universal, salientando principalmente o tempo do fim, a natureza do cumprimento é determinista, sua escatologia vem de fora da história e sua revelação se estende dos tempos do profeta até o fim do tempo. Porém, em termos de transmissão segue mais a profecia geral ou clássica; pois, a base é a “palavra” que Daniel ouve em vez da visão que vê, e o simbolismo em vez de difuso e complexo é limitado com imagens reais.<sup>22</sup> Em outras palavras, há metáforas em vez símbolos (como animais, chifres, etc). Qualquer abordagem aos capítulos 11 e 12 deve levar em consideração esta diferença.

Em segundo lugar, enquanto no capítulo 9 Daniel se retira para orar sobre o fim dos setenta anos e o retorno de seu povo para Jerusalém, no capítulo 10 o anjo encontra Daniel em um retiro de oração e jejum no contexto de atraso das obras de reconstrução do templo. Por isso, a última profecia de Daniel parte de Israel como povo de Deus e o templo como lugar em que Deus espera habitar no meio do povo. Assim, tanto “povo de Deus” quanto “templo” são duas chaves hermenêuticas importantes para se abordar os capítulos 11 e 12. Tais capítulos devem tratar do futuro do povo de Deus em todos os tempos e da relação deste com seus opositores, já que estes tópicos estão em jogo no ambiente em que a visão ocorre. A oposição nos tempos de Daniel estava se materializando no intuito dos oponentes de impedir a obra de reconstrução do templo. Parece que tal oposição contra o templo não cessaria, pelo contrário, alcançaria seu clímax na tentativa de interferir até mesmo no templo celestial quando: “dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora” (Dn 11:31). Porém, de alguma maneira Daniel deve ter entendido que tanto o futuro do templo, quanto do povo de Deus estavam garantidos porque no fim, quando se levantar “Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos de teu povo [...] será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro” (Dn 12:1).

63

Em terceiro lugar, outra importante chave hermenêutica fornecida pelo capítulo 10 está relacionada ao tempo de cumprimento total da profecia. O verso 14 traz a abrangência das predições que seriam feitas pelo anjo. Nele o anjo afirma ter vindo para fazer Daniel entender “o que ocorrerá a teu povo no fim dos dias, pois a visão diz respeito a dias distantes”. Qualquer interpretação que não leve em conta isso estará fadada ao erro. No capítulo 12, isto será declarado com mais ênfase, quando afirma que as próprias palavras do livro estariam “fechadas” até o tempo do fim (12:4,7).

---

<sup>22</sup> Para as características da profecia geral (clássica) e apocalíptica ver Davidson (2007, p. 184, 185).

Por fim, uma interessante chave hermenêutica está na percepção de que o capítulo 10 e 11/12 são dois lados de uma mesma moeda. Enquanto o capítulo 10 trata da guerra entre os príncipes ao retirar o véu que separa os dois mundos, o terrestre do celestial, o capítulo 11 trata da guerra entre os reis, do erguimento e queda de governantes terrestres, do surgimento e desaparecimento de impérios. De fato, os dois capítulos tratam da *צָבָא גְדוֹלָה* (grande guerra). Não parece ser acaso o fato de o profeta escolher tal termo para resumir a parte final de seu livro. Assim, o quadro que emerge da leitura conjunta dos capítulos finais de Daniel é que o aparente conflito que o profeta estava presenciando e que seu povo experimentaria até o fim dos tempos não era o único. Havia um conflito invisível acontecendo e o céu não estaria alheio. Pelo contrário, o céu estava inteiramente envolvido. A guerra entre os príncipes no capítulo 10, embora invisível, era tão real quanto a guerra entre os reis no capítulo 11. Na verdade, ambas estavam totalmente interligadas. Por isso, a chave hermenêutica do “grande conflito” é essencial para a interpretação da profecia final de Daniel. Sem ela as distorções são certas. E, nesse aspecto, a teologia adventista está em vantagem no horizonte escatológico contemporâneo, no que diz respeito não apenas à interpretação dos capítulos 11 e 12, mas do livro como um todo<sup>23</sup>.

## Considerações finais

A última profecia de Daniel é uma das mais importantes de toda a Bíblia. No entanto, a escatologia contemporânea adventista não a tem explorado como deveria. É verdade que há razões históricas para isso. Além do mais, ela possui dificuldades especialmente peculiares. Entretanto, este artigo também teve como objetivo despertar a atenção do leitor não só acerca da possibilidade, mas para a importância de se compreender essa parte do livro.

Para tanto, essa reflexão se voltou para as “margens do grande rio” a fim de entender o contexto que antecedeu a visão dos capítulos 11 e 12, visando a esclarecer o ambiente e as circunstâncias em que o profeta recebe a revelação. Ademais, procurou elucidar o padrão dialógico da narrativa através da comparação com o capítulo 9 e da revisão das principais questões do capítulo 10.

Como se viu, a época era de grande tensão para o povo de Daniel, havia oposição contra a reconstrução do templo. Preocupado, Daniel se retira e

<sup>23</sup> Richard Davidson (2000, p. 102-119) proporciona uma instrutiva discussão onde apresenta o grande conflito como uma metanarrativa cósmica.

durante vinte e um dias jejua e ora, chegando a se abster de certos alimentos, mesmo da Páscoa. No fim do período, Cristo, em suas vestes sacerdotais, sai do santuário celestial e aparece a Daniel. Perturbado com a visão, o profeta desfalece até que aparece o familiar anjo intérprete Gabriel, que lhe revela o motivo da demora. Porém, mais do que isso, abre a cortina que separa o mundo espiritual do terrestre, mostrando que os dois estão intrinsecamente relacionados. Segundo o próprio anjo, ele tinha vindo para fazer Daniel entender o que aconteceria com seu povo até o fim dos tempos. A oposição continuaria, reinos sucederiam um ao outro, pessoas de levantariam contra o templo, até mesmo o celestial; contudo, no fim, Miguel se levantaria para livrar definitivamente seu povo.

Assim, o capítulo 10 provê as chaves hermenêuticas adequadas para a interpretação desafiadora do capítulo 11. Daí que a sua importância não pode ser exagerada. De fato, dentro do campo de estudo escatológico contemporâneo, a teologia adventista está melhor preparada para abordar o capítulo 11, não só por causa do interesse histórico pelo livro, mas principalmente por sua compreensão singular da *גְּדוּלַת מְלָכִים*, ou seja, da “grande guerra”, a saber, o grande conflito. 

## Referências

65

BALDWIN, J. R. **Daniel**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

BAUCKHAM, R. J. **Word biblical commentary**: Jude, II Peter. Waco: Word Books, 1983. v. 50.

BERKHOF, L. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BLUM, E. A. **The expositor's Bible commentary**: Jude. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

BROMILEY, G. W. **The international Standard Bible encyclopedia revised**. Eerdmans, 2002.

BURTH, R. Functional grammar, hebrew and aramaic: an integrated textlinguistic approach to syntax. In: BODINE, W. **Discourse analysis of biblical literature**: what it is and what it offers. Michigan: Scholars Press, 1995.

CARSON, D. A. **New Bible commentary**. Leicester: Downers Grove; Inter-Varsity Press, 1994.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002.

DAVIDSON, R. Interpretando a profecia do Antigo Testamento. In: REID, G. (Org.). **Compreendendo as escrituras**. Unaspess: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Metanarrative Cosmic for the Coming Millennium. *Journal of the Adventist Theological Society*. v.11, n.1, p. 102-119, 2000.

DOUKHAN, J. B. **Secrets of Daniel**: wisdom and dreams of a jewish prince in exile. Hagerstown: Review and Herald, 2000.

ELLIGER, K; RUDOLPH, W. **Biblia hebraica Stuttgartensia**. 4. ed. Alle Rechte Vorbehalten - Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart: [s.n.], 1990.

ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1988.

FREEDMAN, D. N. *et al.* **Eerdmans dictionary of the Bible**. 2000.

66 GOLDINGAY, J. E. **Word biblical commentary**: Daniel. Dallas: Word, Incorporated, 2002. v.30.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**: Daniel. Peabody: Hendrickson, 2002.

KEOUGH, G. A. **Let Daniel speak**. Hagerstown: Review and Herald, 1986.

LANGE, J. P. *et al.* **A commentary on the Holy Scriptures**: Daniel. Bellingham: Logos Research Systems, 2008.

LEATHERMAN, D. W. Adventist Interpretation of Daniel 10-12: a diagnosis and prescription. *Journal of the Adventist Theological Society*. v.7, n.1, p.120-140, 1996.

LOPES, H. D. **Daniel**: um homem amado no céu. São Paulo: Hagnos, 2005.

MAXWELL, C. M. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. Tatuf: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

NICHOL, F. D. (Org.). **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. Washington: 1957.

SHEA, W. Wrestling with the prince of Persia: a study on Daniel 10. **Andrews University Seminary Studies**. v.1, n.3, p. 225-250, 1983.

\_\_\_\_\_. A unidade de Daniel. In: HOLBROOK, F. B (Org.). **Estudos sobre Daniel**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009. (Santuário e profecias apocalípticas, 2)

\_\_\_\_\_. A profecia de Daniel 9:24-27. In: HOLBROOK, F. B (Org.). **Setenta semanas, Levíticos e a natureza da profecia**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010. (Santuário e profecias apocalípticas, 3).

\_\_\_\_\_. The search for Darius the Mede (Concluded), or, the time of the answer to Daniel's prayer and the date of the death of Darius the Mede. **Journal of the Adventist Theological Society**. v. 12, n.1, p. 97—105, 2001.

\_\_\_\_\_. Darius the Mede in his Persian-babylonian setting. **Andrews University Seminary Studies**, v. 29, n.3, p. 235-257, 1991.

WALVOORD, J. F., ZUCK, R. B. **The Bible knowledge commentary**: an exposition of the scriptures. Wheaton: Victor Books, 1985.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

67

Enviado dia 09/05/2012

Aceito dia 20/07/2012

